



**DEPARTAMENTO DA ÁREA DE SERVIÇOS
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

LETÍCIA MAINARDI TAMIOZZO

**AS NARRATIVAS DOS MITOS E LENDAS COMO ESTRATÉGIA
PARA A ELABORAÇÃO DE ROTA TURÍSTICA CULTURAL NO
VALE DO RIO CUIABÁ, MATO GROSSO - BRASIL**

**Cuiabá,
Fevereiro, 2019.**

AS NARRATIVAS DOS MITOS E LENDAS COMO ESTRATÉGIA PARA A ELABORAÇÃO DE ROTA TURÍSTICA CULTURAL NO VALE DO RIO CUIABÁ, MATO GROSSO - BRASIL

TAMIOZZO, Letícia Mainardi ¹

Orientadora: Prof^ª. Dra. ARRUDA, Zuleika Alves de ²

Resumo

O estado de Mato Grosso há muito tempo tem sua atividade turística com foco direcionado para a paisagem natural do Pantanal e sua rica biodiversidade, deixando em segundo plano, porém, o rico patrimônio cultural material e imaterial existente nesse ecossistema ou em outras localidades. Para os moradores das comunidades tradicionais ribeirinhas/pantaneiras os rios são muito mais que um elemento da paisagem natural, eles representam fonte de subsistência, de (re)produção da vida, espaço do ócio e lazer, da religiosidade e das lendas e mitos. A água faz parte do seu cotidiano, os representa, sendo dotadas de significado cultural. É dessa representação social e da relação íntima com a dinâmica das águas que surgem as diversas lendas ou narrativas fantasiosas no imaginário popular ribeirinho a respeito dos seres sobrenaturais que habitam as águas. Tais narrativas produzidas, servem muitas vezes, como mecanismo para evitar a exploração massiva dos recursos naturais, a pesca predatória, pelo medo dos supostos “seres imaginários” que ali habitam, assim como proteger as crianças dos perigos que a água possa oferecer, evitando-as ao acesso dos lados mais perigosos ou profundos das águas. Os pressupostos teórico-metodológicos para a realização deste trabalho estão ancorados na fenomenologia, na pesquisa exploratória, qualitativa do problema e bibliográfica. A partir do exposto acima, o presente trabalho objetiva trazer para o debate o papel cultural da água no imaginário social das comunidades tradicionais ribeirinhas, apontando a importância das lendas como estratégia para fomentar a prática do turismo cultural. Espera-se que essa prática sirva como instrumento para a divulgação, manutenção e valorização desses saberes populares, de modo que não se percam frente à modernidade que está afetando o cotidiano dessas comunidades.

Palavras-chave: imaginário, representação, comunidades tradicionais, turismo, lendas.

Abstract

The State of Mato Grosso has a moderate rhythm of orientation, almost unique, for a natural landscape of the Pantanal and its rich biodiversity, in the background, however, the rich material and immaterial patrimony existing in this ecosystem or in other locations. For the residents of the traditional riverside/pantanal communities, water is much more than an element of the natural landscape, it represents a source of subsistence, of (re)production of life, space of leisure and leisure, of religiosity and of legends and myths. Water is part of their daily life, represents them, and endowed with cultural significance. It is from this social representation and from the intimate relation with the dynamics of waters that the diverse legends or fantasy narratives appear in the popular imaginary riverside concerning the supernatural beings who inhabit the

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá. leh.mainardi@gmail.com

² Professora Orientadora. Doutora em Geografia e Docente do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá. zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br

waters. Such narratives produced often serve as a mechanism to prevent the massive exploitation of natural resources, predatory fishing, through fear of the supposed "imaginary beings" who live there, as well as protecting children from the dangers that water can offer, preventing them from accessing the more dangerous or deep sides of the water. The theoretical and methodological assumptions for this work are anchored in phenomenology, exploratory and qualitative research, documentary and bibliographical research. From the above, the present work aims to bring to the debate the cultural role of water in the social imaginary of traditional riverside communities, pointing out the importance of legends as a strategy to promote the practice of cultural tourism. It is hoped that this practice will serve as an instrument for the dissemination, maintenance and appreciation of these popular knowledge, so that they do not lose sight of the modernity that is affecting the daily life of these communities.

Key words: imaginary, representation, traditional communities, tourism, legends.

1. INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso há muito tempo tem seu turismo com foco direcionado para a paisagem natural do Pantanal, sua rica biodiversidade e abundância das águas, negligenciando, porém, o rico patrimônio material e imaterial existente nesse ecossistema ou em outras localidades.

Designar o Pantanal como um paraíso das águas, embora muito difundido pela mídia, produz uma leitura simples e reducionista de paraíso ecológico, enquanto o Pantanal e o Mato Grosso como um todo são muito mais do que isso. A respeito das representações criadas sobre o Pantanal, Kmita (2014) pondera que:

As representações criadas sobre o Pantanal em meados da década de 1970, para a inserção de uma nova atividade econômica para o Estado e a veiculação dessas imagens para fins turísticos, apresentam-no como um lugar natural, porém, artificializado. Desse modo, difunde-se uma representação deslocada do real onde as águas preenchem em grande parte esse imaginário, tal a voluptuosidade, grandeza e encantamento com que são apresentadas. Nessa construção, a realidade do espaço tem importância inferior ao sistema de imagens que evocam a paisagem e a cultura e respondem pelo consumo ao qual se destina, temos, portanto, uma natureza/mercadoria. No caso específico do Pantanal, a imagem comercializada é de um santuário ecológico, paraíso de espécies da fauna e flora, do mosaico das águas espalhadas, atuando como pano de fundo para sua comercialização turística (KMITA, 2014, p.46).

A beleza cênica estereotipada criada para o turista causa uma falsa impressão de que a natureza está intacta nessas localidades, de que não foram ou são alteradas diariamente pelo homem moderno, ou que a introdução da agricultura modernizada não interfere ou afeta o cotidiano do pantaneiro e sua relação com as águas, como chama atenção Kmita (2014):

O estereótipo de paraíso construído para o Pantanal traz como pano de fundo a ideia de que não ocorreram alterações no ambiente com a introdução de novos elementos e técnicas, promovendo a ideia de paisagens estanques. No entanto, não há a menor

possibilidade de se pensar que os habitantes dos pantanais mantiveram esse ecossistema estanque, vivendo em harmonia com a natureza, sem que se adentrasse no latente processo gradual da “modernidade”, aqui pensada como transformações que possibilitam o desenvolvimento de atividades econômicas na planície pantaneira como, por exemplo, a pecuária e o turismo (KMITTA, 2014, p.47).

Mas a preocupação não se restringe às transformações que a modernidade traz para a paisagem natural, ou aqueles que interferem no modo de viver do pantaneiro e do ribeirinho. Se volta também para as relações de identidade que essas comunidades têm com a água, afetando o seu significado e representação social acerca do meio, podendo levar a uma “crise de identidades”, como ressalta Kmita (2014, p. 50) “[...] a globalização gera problemas no jogo das identidades inseridas em uma modernização acelerada, atuando como possibilidade de inserção, negando de certa forma a exclusão, suscitando novas identidades”.

A criação dessas representações de paraíso sobre o pantanal possui a finalidade de tornar familiar a paisagem natural pantaneira aos olhos dos turistas e, conseqüentemente, a sua valorização para o mercado turístico. Desta forma, ocorre o deslocamento do vivido, de sistemas de valores, dos signos, dos mitos e práticas culturais para a valoração da paisagem natural.

No plano fenomenológico, as representações sociais constituem os modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e se legitimam na comunicação interpessoal cotidiana e saberes cotidianos que pertencem ao mundo social dos ribeirinhos e que são expressas simbolicamente, em seus costumes e instituições sociais através da linguagem, da arte, da religião, das lendas e mitos, nas relações econômicas como pondera Moscovici (1961):

O estudo das representações sociais implica a análise das formas culturais de expressão dos grupos, da organização e da transmissão desta expressão, e finalmente, de sua função mediadora entre os grupos, ou mais, entre homens e seu meio (MOSCOVICI, 1961, p. 11 apud JODELET, 2009, p. 41).

No que tange ao estudo dessas representações, mesmo que existam alguns trabalhos a respeito das práticas culturais acerca dos ribeirinhos e pantaneiros de Mato Grosso e sua relação com a água, não há, pelo que foi pesquisado até o momento, nenhum trabalho que busque utilizar de forma turística os mitos e lendas relacionados à água, principalmente nas comunidades do Vale do Rio Cuiabá, ou que busque sua divulgação e preservação desse saber dentro dessas comunidades tradicionais. Os trabalhos existentes a respeito das lendas, apenas os retratam como elementos importantes para a cultura e oralidade, mas não lhes fornecem as ferramentas necessárias para que perdure e não se perca no decorrer das gerações, como já vem acontecendo. Nesse sentido considera-se que a oralidade constitui em uma ferramenta

fundamental da transmissão da cultura, dos mitos e das lendas como pondera Leite (2005):

É no interior das histórias narradas que identifico a potência da oralidade e a própria memória oral, adquirindo elas o formato de guardiãs de experiências, de crenças, de saberes que denotam estratégias e fórmulas de viver, de enfrentar a natureza, e mesmo a sobrenatureza, essa última um importante artefato do universo mental pantaneiro. Permanece no interior desse imaginário um conjunto de fenômenos que garante intensidade à trama histórica, sustenta uma peculiar forma de impregnar a história de vida com marcas, as quais invariavelmente contemplam encontros e desencontros, tensões e distensões com o mundo natural (LEITE, 2005, p. 181).

Os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam este trabalho estão ancorados na fenomenologia. A escolha desse método reside no fato do mesmo ser centrado no ser humano, ou seja, por priorizar os conteúdos da experiência humana, que incluem imaginação, julgamentos, emoções, consciência do eu e do outro, e interações. Segundo Massini (1989) é o homem que imprime sentidos ao mundo, ao ser capaz de intuir, tendo intencionalidades, orientando significações sobre tudo aquilo que vai vivenciando em sua existência. Ao estabelecer significações para os objetos que analisa e interpreta, o homem une-se a eles. Nesse aporte teórico incluem as representações sociais, na história oral para conhecer as lendas e na memória coletiva para desvendar os saberes culturais dessas comunidades e a sua relação com a água.

Partindo do pressuposto de que as lendas e mitos são narrativas que possuem um forte componente simbólico, o presente trabalho objetiva trazer para o debate o papel cultural da água no imaginário social das comunidades tradicionais ribeirinhas, com as suas lendas, bem como sendo uma estratégia para a prática do turismo cultural por meio da elaboração de uma rota turística.

A pesquisa utilizada para a realização deste trabalho segue uma linha exploratória, e abordagem qualitativa do problema, que para Richardson (2015) é uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Também se utiliza a pesquisa bibliográfica, por meio da revisão bibliográfica dos conceitos de mitos e lendas, do simbolismo que a água tem no imaginário social do ribeirinho, assim como levantamento de pesquisas produzidas a respeito das lendas relacionadas aos seres imaginários que habitam as águas da região do Vale do Rio Cuiabá.

Espera-se que, tal estratégia sirva com instrumento para divulgação, manutenção e valorização da cultura dessas comunidades, de modo que não as perca frente à contemporaneidade que afeta essas comunidades e o seu cotidiano.

2. ÁGUA, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS RIBEIRINHAS

Para os moradores das comunidades tradicionais ribeirinhas e pantaneiras a água é muito mais que um elemento da paisagem natural. Ela representa fonte de subsistência, de (re)produção da vida, espaço do ócio e lazer, da religiosidade, das lendas e mitos, ou seja a água representa tanto valor de uso quanto valor cultural. A água faz parte do seu cotidiano, os representa, sendo dotada de símbolo e significado cultural.

A respeito do significado simbólico e cultural que um grupo social atribui aos elementos da paisagem natural, os geógrafos culturais denominam de paisagem cultural. Para Cosgrove (1998) a tarefa da Geografia Cultural é apreender e compreender essa dimensão da interação humana com a natureza e seu papel de ordenação do espaço. O autor pondera que a cultura é algo subjetivo e intrínseco ao vivido e experienciado por um determinado grupo, cuja apropriação simbólica do mundo formula parâmetros de vida diferenciados, paisagens distintas e conseqüentemente com geografias e histórias próprias, em que:

Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes com sua realidade sensorial, material. A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Mesmo esta lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (genres de vie) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. (COSGROVE, 1998, p.1)

Desta percepção da cultura e a importância do simbólico que Cosgrove cria uma nova forma de leitura e definição da paisagem, em que a cultura é observada através de instrumentos utilizados por determinadas populações ou por aspectos apresentados pela paisagem onde se encontram determinados grupos sociais. Cosgrove e Jakson (2000, p.18) ponderam que se a paisagem passa a ser considerada uma imagem, “um meio pictórico de representar ou simbolizar tudo o que circunda o ser humano, então pode ser estudada por vários meios e superfícies”. Segundo os autores cada um desses meios (pintura, imagens, etc) revelariam significados que cada grupo humano atribui aos lugares, permitindo assim relacionar esses significados com as condições de existência do grupo social e sua relação com a natureza.

Para Tuan (1980, p. 68) “os conceitos "cultura" e "meio ambiente" se superpõem do mesmo modo que os conceitos "homem" e "natureza". Para o autor a cultura altera a percepção das pessoas e grupos com relação a natureza, assim como sofre mudanças entre mulheres e homens, conforme experiências anteriores e o período de tempo em que essa natureza é vivenciada, dessa forma, “à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente” (TUAN, 1980, p. 86).

“O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo” (TUAN, 1980, p. 91).

Para Tuan essa percepção também é alterada de acordo com as especificidades do ambiente onde as pessoas estão inseridas, se elevado ou plano, frio ou quente, úmido ou seco, se adaptando assim às necessidades de cada local. Essas necessidades do ambiente definem o modo de viver dos povoados, assim como no caso das comunidades tradicionais ribeirinhas, adaptadas a vida nas águas que as cercam.

As comunidades “tradicionais” ribeirinha de acordo com Arruda (1999) apresentam um modelo de ocupação de subsistência, fraca articulação mercantil, mão de obra familiar, tecnologias patrimoniais de baixo impacto e, geralmente sustentável. Adotaram as técnicas adaptativas indígenas, além das técnicas de plantio e fabricação, artefatos, base alimentar mesclada as novas espécies trazidas de fora, plantas medicinais, entre outros, também adotaram a organização para o trabalho e as formas de sociabilidade que de acordo com Arruda (1999):

[...] em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal de propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente (ARRUDA, 1999, p.80).

Diegues (2008) aprofunda um pouco mais o entendimento a respeito das por ele chamadas “culturas” tradicionais, ao incorporar além do *modus vivendis* específico e suas atividades produzidas a existência de uma identidade e memória coletiva a partir do entendimento de que:

As culturas e sociedades tradicionais se caracterizam pela a) dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida; b) conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral; c) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; d) moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados; e) importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; f) reduzida acumulação de

capital; g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; h) importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; i) a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final; j) fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos; l) auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras. (DIEGUES, 2008, p. 89-90)

Essa relação ao *modus vivendi* estabelecido entre a população ribeirinha e o meio em que vive, suas práticas socioculturais criam laços de solidariedade e identidade de grupo. Essas comunidades, com suas características e especificidades locais, possuem um modo de viver e habitar representativo nos detalhes arquitetônicos, na configuração espacial dos povoados voltados para o rio, nos quintais com finais na margem do rio, pela prática de usar o rio como via de deslocamento. O modo simples de viver, o conhecimento ecológico, os saberes e fazeres transmitidos ao longo das gerações pela oralidade, a forte religiosidade, os laços prevaletentes de parentesco e um imaginário popular permeado de signos e símbolos provenientes da água (rios e lagoas), são características prevaletentes nessas comunidades.

Partindo do pressuposto de que a representação social está relacionada à forma como o grupo ou indivíduo enxerga o mundo e compreende a realidade a partir do filtro das experiências pessoais, cujo grau de relevância está relacionado de acordo com a sua história, os rios são muito mais que uma paisagem para as comunidades que habitam seu entorno, elas se identificam com a água, a água é sua fonte de alimento, faz parte do seu cotidiano, os representa.

Kmitta (2014) ressalta que:

[...] essa representação e essa interação são partes integrantes da identidade regional, local. Esta é significativa e necessária e marca os enfrentamentos entre homem e natureza, que foram constantes para o estabelecimento e permanência na região (KMITTA, 2014, p. 47).

Nesse sentido, as comunidades tradicionais que habitam ao longo dos rios do Vale do rio Cuiabá ou região pantaneira, como sujeitos sociais, possuem representações que caracterizam seu grupo cultural e que foram instituídas, a partir de um imaginário social, construída em sua relação íntima com a dinâmica das águas. Para essas comunidades a água é um outro mundo, igual ao da terra, porém subaquático. “[...] A água é o outro mundo. Sem deixar de ser, ao mesmo tempo, o próprio universo natural” Leite (2009, p. 162)

Para entender a relação dos ribeirinhos com as águas se faz necessário entender o conceito de imaginário social de Castoriadis (2008) como a:

[...] criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de alguma coisa. Aquilo que denominamos realidade e racionalidade são seus produtos

(CASTORIADIS, 2008, p. 13).

Para Bachelard (1997, p.126) “O imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material”. Para o autor o elemento material é definido como o “princípio de um bom condutor que dá continuidade a um psiquismo imaginante”.

Bachelard (1997), que diferencia a imaginação em dois aspectos: o formal e o material, o imaginário formal está relacionado ao pensamento científico, e o material ao fictício. Dentro do material as imaginações são classificadas de acordo com quatro elementos: água, ar, terra e fogo, que regulam o real e o imaginário, alimentando pensamentos e sonhos, pois se não houver um desses elementos a imaginação se torna vaga. “Para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultar em uma obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua matéria” (BACHELARD, 1997, p.4).

A água para o autor é o elemento mais completo, representa transição, pureza, e dinâmica.

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. A água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento (BACHELARD, 1997, p.17).

Para diferenciar a acepção consagrada no senso comum, o filósofo Corbin atribui denominação de “*mundus imaginalis* como um lugar com dinâmica própria”. Na sua concepção não existe uma divisão do real e do imaginário. Onde “[...] um universo mediano e mediador, um intermundo entre o sensível e o inteligível, intermundo sem o qual a articulação entre o sensível e o inteligível fica integralmente bloqueada” (CORBIN, s/d apud ANAZ et al., 2014, p.12). Para o filósofo pode-se dizer então, que não há uma distinção do imaginário e do real, ambos acontecem simultaneamente, se confundem, e se complementam.

A função específica desse *mundus imaginalis* - ao romper radicalmente com a dicotomia corpo/mente, desmaterializando as formas sensíveis e imaginalizando as formas inteligíveis de modo a conferir-lhes “figura e dimensão” -, é impor ao seu agente a imaginação ativa, uma disciplina inconcebível àquela outra - passiva e muitas vezes degradada pelo senso comum como fantasia capaz de todos os excessos (ANAZ et al., 2014, p.12).

Em seu estudo sobre as comunidades ribeirinhas do Pantanal, Leite (2009) confirma essa relação de indistinção entre natural e sobrenatural, que se estende a indistinção entre natureza e cultura, e tal fato explica não haver questionamento para tais comunidades quando se diz tratar de um ser encantado, pois tal explicação já basta, é inquestionável. “[...] Para as

águas do Pantanal como um todo, é a noção de encantamento da paisagem, do espaço e dos próprios mitos, que dissolve a ruptura natureza-cultura” Leite (2009, p. 157).

Esse rico imaginário constitui o suporte para as representações sociais que pode ser evidenciado a partir das práticas socioculturais, econômicas e ambientais, como os mitos e lendas. Para Moscovici (1961 apud JODELET 2009), a representação social é uma das vias de apreensão do real e uma forma de conhecimento particular de nossa sociedade ao passo que o mito representa uma apreensão totalizante do mundo que confere um sentido ao real.

Segundo Moscovici (1961-1976 apud JODELET, 2009) há semelhanças e distinções entre os mitos e as representações sociais, que estão divididas em dois momentos, as semelhanças se apresentam mais fortes em um momento mais primitivo da história, onde o mito fazia compreensível o meio social e a natureza do homem, servindo como um guia para as sociedades:

a) o mito para o homem “primitivo” é uma visão global, uma filosofia na qual se reflete sua percepção da natureza, das relações sociais, ou do parentesco; b) os mesmos temas podem mudar se difundindo: quando sua estrutura tiver sido profundamente modificada, encontramos-nos diante de um mito transformado; c) a função do mito é se orientar no real e dominá-lo (MOSCOVICI, 1961 apud JODELET, 2009, p. 42).

Já as distinções foram sendo percebidas e inseridas a partir de um momento de maior esclarecimentos dessas sociedades com o conhecimento científico, quando surgem preconceitos associados aos mitos que não se aplicam à representação social.

Frequentemente, trata-se de uma forma de depreciar opiniões e atitudes atribuídas a um grupo particular, à massa - à plebe, em resumo - que não chegou ao grau de racionalidade e de consciência das elites, as quais, esclarecidas, batizam, criam essas mitologias ou escrevem sobre elas (MOSCOVICI, 1976, p. 41 apud JODELET, 2009, p. 45).

De acordo com o dicionário, de origem latina, a palavra mito, deriva de *mýthos* ou *mýthos, i* 'fábula, história', do gr. *mûthos*, ou 'id.', dentre seus significados disponíveis, é uma “história fantástica de transmissão oral, cujos protagonistas são deuses, semi deuses, seres sobrenaturais e heróis que representam simbolicamente fenômenos da natureza, fatos históricos ou aspectos da condição humana; fábula, lenda, mitologia” (MICHAELIS, 2018).

Já a palavra lenda, também de origem latina e deriva de *legendam*, significa um “relato oral ou escrito de acontecimentos, reais ou fictícios, ao qual a imaginação popular acrescenta uma boa dose de novos elementos, a tradição popular. Ou uma narrativa fantasiosa ou crendice do imaginário popular sobre seres encantados ou maravilhosos da natureza” (MICHAELIS, 2018).

Aprofundando mais sobre essa distinção entre mitos e lendas de acordo com Leite

(1995) pode-se dizer que o que diferencia ambos é que a lenda é tida como verídica, algo que acredita-se de fato e que carrega uma lição de moral tendo uma função social e está ligada a um local fixo, enquanto o mito tem um caráter religioso e é mutável, emigra, se transforma de acordo com o espaço e tempo que percorre.

Embora comumente confundidas as palavras apresentam diferenças, e a principal delas é a participação da tradição popular na lenda, que representa o dia a dia e não apenas fatos históricos ou de grande relevância como no caso dos mitos. As lendas estão conectadas com o lugar de pertencimento de quem as cria, seu lugar identitário, pois as lendas são reflexo de suas vivências, de seu cotidiano, seu entorno e a paisagem que o rodeia.

3. DO LUGAR IDENTITÁRIO RIBEIRINHO AOS LUGARES MÍTICOS NO VALE DO RIO CUIABÁ

O termo Vale do Rio Cuiabá, em substituição a antiga denominação “Baixada Cuiabana”, correspondendo aos municípios de Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Barão de Melgaço, Jangada, Nobres, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé e Rosário Oeste. Esses municípios são drenados pelas águas do rio Cuiabá e seus afluentes, pertencentes à bacia do Paraguai, e com a qual tem desde a sua formação territorial uma relação histórica, econômica, social e cultural com as águas.

A bacia hidrográfica do rio Cuiabá situa-se entre os paralelos 14° e 17° (S) e os meridianos 55° e 57° (W), preenchendo o setor NE da bacia hidrográfica do Paraguai à qual pertence. A bacia é composta pelo rio Cuiabá e seus afluentes que são os rios Manso, da Casca, Coxipó-açu, Coxipó do Ouro, Aricá-açu, Aricá-Mirim, Água-Branca, Cuiabá-Mirim, Chiqueiro Grande, Jangada, Espinheiro, Pari e outros de menor dimensão (KERCHE, 2004, p. 59).

Devido à íntima relação estabelecida entre os ribeirinhos com as águas, fonte de sua sobrevivência, ou seja, de onde eles tiram seu alimento, a água para beber, o seu lazer e fazer sua higiene. Para os ribeirinhos a água tem um significado, uma simbologia que vai muito além dos recursos naturais que a mesma oferece. A água faz parte do cotidiano e imaginário social dessas comunidades, em que a mesma, simbolicamente representa os medos, os receios, os aprendizados e as vivências do dia a dia, a relação existente entre homem e natureza nessas localidades, as experiências de proteção e conservação do bem mais sagrado dos ribeirinhos, que é a própria água, pois ela faz parte da identidade dessas comunidades. Como explica Kmitta (2014):

[...] a construção da identidade é parte de um processo de interação do homem com o mundo e de seus agenciamentos, ou seja, são as experiências vividas que permitem ao

homem a elaboração de mecanismos que possibilitem sua permanência em grupos e/ou sociedades. Todos vivenciam as tradições, todos vivenciam novas experiências, todos adentram as fronteiras culturais, de linguagens, diálogos com o outro que atua como referência na construção da identidade tanto individual quanto coletiva (KMITTA, 2014, p.49).

Essa parte do território mato-grossense que foi apropriado pelas populações ribeirinhas e, que possui uma forte ligação de sentimento e identidade é denominada por Tuan (1983) de lugar. Para o autor a partir do momento em que o espaço é inteiramente familiar e existe um sentimento de afetividade, torna-se um lugar. Esse sentimento afetivo a respeito do lugar Tuan atribui de Topofilia:

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, e prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Para Tuan (1983) espaço e lugar se relacionam, existem três tipos os principais de espaços “o mítico, o pragmático e o abstrato”. Para ele o espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço.

É desse forte vínculo identitário do ribeirão com as águas que surgem no imaginário popular as diversas lendas e mitos dos seres sobrenaturais que habitam as águas, cujos significados estão intrínsecos a ideia de preservação dos recursos naturais que representam a base de sua sobrevivência, principalmente o peixe, evitando a pesca predatória pelo medo dos supostos “seres imaginários” que ali habitam, assim como alertar as crianças dos perigos que a água possa oferecer, ou seja, evitando que as mesmas frequentem os lugares mais perigosos ou profundos das águas. “Os seres encantados d’água fazem parte da vida, dos medos, dos episódios, da memória, das paisagens e da cultura da região” (LEITE, 2009, p.156-157).

Essas lendas podem estar ligadas a um lugar em específico, onde ocorre a espacialidade da lenda no imaginário social, como é o caso do Poço do Pari, ou ao longo do Rio Cuiabá que está permeado de lendas relacionadas às práticas cotidianas dos ribeirinhos. A região do Vale do Rio Cuiabá é imbuída de muitos significados para os habitantes que moram em seu entorno dando a estas localidades um significado especial no seu modo de viver e relacionar com a natureza, como aponta o conceito de espaço mítico.

Para Tuan (1983), além do conceito de lugar conforme acima, há também o espaço mítico, que ele distingue em dois tipos principais:

Em um deles, o espaço mítico é uma área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o comportamento espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas. Ambos os tipos de espaço, bem descritos pelos eruditos sobre as sociedades iletradas e tradicionais, persistem no mundo moderno. Eles persistem porque, tanto para os indivíduos como para os grupos, sempre haverá áreas do imprecisamente conhecido e do desconhecido, e porque é possível que algumas pessoas serão sempre levadas a compreender o lugar do homem na natureza de uma maneira holística (TUAN, 1983, p.97).

O primeiro espaço mítico, então, é aquele do qual se tem consciência mesmo estando fora do seu campo de visão, do qual embora imprecisamente sabe-se de sua localização e faz-se uma ideia de como é, pois faz parte do seu conhecimento tácito, é uma extensão do espaço familiar e cotidiano. Já o segundo espaço, é aquele que se desconhece, está fora do seu campo de percepção, faz parte da visão de mundo ou cosmologia em uma tentativa de compreender o meio ambiente, que está relacionada ao corpo humano por dois esquemas, um considera o corpo humano como microcosmos, e o outro coloca o homem no centro do cosmos.

Além desse espaço mítico e do lugar identitário do ribeirão em sua relação com o rio levanta-se em questão aqui a existência do lugar mítico, que é o produzido pelos ribeirinhos em relação com as lendas, pois estas em sua maioria estão relacionadas não a uma porção do espaço, mas sim a uma localidade específica, como nos exemplos do Minhocão do Pari, e de tantas outras lendas do Vale do Rio Cuiabá. Esses lugares estão relacionados com o *modus vivendi* e sua relação com a natureza, notadamente a água. Os ribeirinhos que habitam as margens dos rios possuem uma relação muito forte com a água com a qual convivem diariamente, e essa relação é carregada de saberes, crenças e superstições que vem sendo passados pelas gerações e que também compõem a paisagem cultural do local.

Em todo o Vale do Rio Cuiabá há uma forte presença do universo mítico, composto de lendas e mitos sobre seres míticos que ao mesmo tempo em que pertencem ao imaginário, também estão ligados ao mundo real, a partir do momento que podem machucar os pescadores e prejudicar os seus bens materiais por vingança. De acordo com Kerche (2004, p.55) “[...] estas narrativas têm a função de explicar fatos, justificar acontecimentos históricos, transmitir valores e posturas educativas em relação ao homem e a natureza”.

Essas narrativas apresentam a forte relação que esses ribeirinhos têm com a natureza, principalmente o rio, que é de onde tiravam o seu sustento, a água para beber, cozinhar, tomar banho, lavar roupa, e até mesmo para o lazer, desta forma mantém ligadas natureza e cultura,

pois “[...] eles extraem e cultivam na natureza a sua produção econômica e assim mantêm suas tradições culturais” (KERCHE, 2004, p.55).

Com base nos registros a respeito das lendas existentes no Vale do Rio Cuiabá, foram selecionadas algumas que possuíam a sua espacialidade no Rio Cuiabá por considerá-lo a matriz da identidade e da cultura das comunidades ribeirinhas. Essas lendas em sua maioria estão vinculadas a saberes, as construções imagéticas dos seres imaginários e dos perigos a eles vinculados, o respeito desses grupos sociais pela natureza assim como a importância da conservação do rio como fonte e símbolo de manutenção e (re)produção à vida.

Convidamos o leitor a fazer uma viagem imagética pelas águas do rio Cuiabá, conhecer o *modus vivendi* e o imaginário que povoa o cotidiano dessas comunidades ribeirinhas: uma viagem pela Rota das lendas do Rio Cuiabá.

A. Lenda: Cavalo marinho | Lugar mítico: próximo a Capela da Conceição (Passagem da Conceição)

Próximo a Capela da Conceição, no rio acima, havia abundância de peixe, e muito costumavam ir pescar lá, “mas a pedreira que avança pela água, tornando ponto estratégico para se atirarem as varas de anzóis, tinha fama de mal assombrada” (RODRIGUES, 1997, p.80). Pois no local havia um cavalo marinho de longas crinas, que saía do fundo da água assustando os pescadores, e podia até mesmo virar canoas.

B. Lenda: Minhocão do Pari | Lugar Mítico: Poço do Pari

“É um poço de grande profundidade, mais de 10 metros, onde durante a pescaria quanto já se havia pego muitos peixes com a tarrafa, a mesma enroscava-se e não soltava mais. No outro dia de manhã quando o pescador voltava ao local a tarrafa estava solta” (KERCHE, 2004, p. 55). Desta estória se extrai a importância, de apenas se pescar o suficiente, deixando mais para o outro dia e para os outros, que também dependem destes peixes para sobreviver, pois o peixe era o principal alimento dos moradores da baixada cuiabana.

A lenda do minhocão do Pari é uma das lendas mais conhecidas na região de Cuiabá, inclusive no shopping Três Américas na capital Cuiabá têm uma fonte com sua representação imagética, demonstrando a apropriação dessa lenda pelo mercado local.

Segundo a lenda “[...] o Minhocão do Pari, assim chamado por ter o seu ninho nas praias daquela região, era uma espécie de serpente, longa e cabeçuda [...] Devorava pescadores, virava canoas, mesmo embarcações pesada” (RODRIGUES, 1997, p.35). Conta-se que quando estava irritado ou saía para se alimentar dava violentas cambalhotas no rio, quando podiam ver o bicho enorme, de cor preta, contorcido saindo fora da água. Quem frequentava a beira do rio nem seu

nome pronunciava com medo de atrair o bicho. Lenda contada principalmente as crianças de modo que não fossem ao rio sozinhas com medo do Minhocão, evitando assim possíveis tragédias ao irem ao rio apenas acompanhadas dos adultos.

Figura 1: Minhocão do Pari.



Fonte: <http://fatoselendasdematogrosso.blogspot.com> ³

Vale aqui ressaltar que Leite (1995) abre uma profunda discussão sobre o Minhocão do Pari em sua tese, que como enfatiza o autor, não é o mesmo Minhocão de São Gonçalo Beira Rio, que justamente por aparecer em outras localidades e haver discussões sobre um possível fenômeno natural (expansão de gases) que explique seu “aparecimento” deixa então, de ser tido como verídico.

Desde que eu me entendi por gente, desde que eu nasci já existia. Mas aquilo era, é lenda, né? Não existe, não existia minhocão. Mas criou essa lenda. Aquele pessoal mais antigo até brigava em falar que, que, era minhocão. Mas aquilo era, é lenda, né? (...) a causa verdadeira é um gás que existe aí. Ele vem da profundidade do leito do rio. É do leito do rio para cá, para margem, né? E, aí o, o, rio desce aí em frente a praia. Aí onde existe esse, esse, gás a água é revolta, viu? Vem com (...) folha podre, vai acumulando dentro do poço, sabe? E comprime o gás. Quando a força do gás é superior ao peso da areia com folha, então dá aquele, aquele impulso, aquela camaçada de folha. Dá a impressão que é um bicho. Ah! cheguei de ver. E aí, não sei o quê, por que razão enfraqueceu um pouco o gás, né? Mas o gás era forte, meu filho! (...) ali, meu filho, fincava uma, uma forquilha assim para cá e outra para cá e uma travessinha, os pescadores, né? que faziam isso, e fincava o caldeirão e cozinhava, cozinhava o que quisesse ali né? É um fogo, é igualzinho gás. (...) muitos dizem que aquilo é fermentação de, de, folha podre, né? (...) mas não é. Porque a praia tem uma extensão assim mais ou menos de oitenta metros de largura, mas só naquela faixa de quarenta é que existia, essa, esse gás, que hoje em dia ‘tá mais fraco (...) Noutro tempo era forte, ele desmanchava, dentro de, de meia hora ele acabava com a praia. (...) E

³ Tela: Minhocão do Pari - Antônio João Jesus (escritor, indigenista e artista plástico cuiabano), acervo particular. Disponível em: <http://fatoselendasdematogrosso.blogspot.com/>. Acesso em: 02 dez. 2018.

aqueles antigos, (...) falavam que era minhocão (...). Ah! não existia minhocão nenhum, era leda”. (Depoimento de Benedito, LEITE, 1995, p. 69-70).

Também por não haver comprovações de sua função social, o Minhocão se enquadre mais na definição de mito do que na de lenda, embora também não seja satisfatório esse enquadramento, pois se houve um vínculo religioso a esse “bicho encantado”, como requer o mito, esse já se perdeu.

Difícilmente poder-se ia falar que ele promovia uma doutrina religiosa ou um sistema filosófico ou, ainda, uma narrativa histórica ou lendária. Ao que tudo indica, o ponto possível de identificação para o minhocão cuiabano no imaginário é a imagem e o símbolo (LEITE, 1995, p. 95).

C. Lenda: Jaú de Cabelo | Lugar mítico: Pedra 21

Os destroços de um antigo quartel na região do Porto, que também já foi sede do Batalhão 21, se tornou esconderijo de seres encantados que habitavam as águas do rio Cuiabá.

Conta Kerche (2004) que havia um poço em determinado ponto no rio Cuiabá onde os soldados do exército iam fazer seu treinamento, lá costumavam ir brincar e tomar banho. Em um certo dia de treinamento, 21 soldados desapareceram no poço misteriosamente. Diz a lenda que foi o minhocão que pegou eles, desde então o local ficou conhecido como a pedra 21.

De acordo com Rodrigues (1997) há outra interpretação para a lenda, que se passa em uma ponta de pedras na margem esquerda do rio Cuiabá, onde era o antigo quartel que foi sede do batalhão 21, neste local costumava-se lavar roupas e tomar banho de rio, porém lá havia um jaú de tamanho descomunal, que morava logo abaixo das pedras, um devorador de moças e moços, “[...] seu tamanho era tão grande que se assemelha a uma canôa. E tão cabeludo como um chimpanzé” (RODRIGUES, 1997, p. 36). Certo dia uma moça teimosa foi nadar logo onde as pedras acabavam, embora avisada não saiu da água, e algo a puxou, mas uma amiga que estava perto logo a segurou, porém precisou de outro para ajudá-la, e outro, e outro, e assim se formou uma corrente de pessoas que iam sendo puxadas para o fundo do rio, tão grande era a força do jaú.

Possivelmente no ponto citado há um poço no rio, o que poderia puxar uma pessoa para o fundo pela força da correnteza, com essas lendas, que buscavam assustar quem fosse querer nadar no local evitava-se possíveis afogamentos, que provavelmente ocorreram de fato o que levou ao surgimento da lenda.

Figura 2: Jaú de Cabelo.



Fonte: Rodrigues, 1997, p. 144.

D. Lenda: Boi do rio | Lugar mítico: poço (próximo a antiga Usina São Gonçalo)

“Contam os pescadores que num poço próximo a usina de São Gonçalo, costumam ver à noite um boi saindo de dentro do rio para pastar nas suas margens e depois de algum tempo retornava para o leito do rio” (KERCHE, 2004, p. 56). Para os ribeirinhos e pantaneiros a água é como um outro mundo, daí a ideia de apresentar o mundo subaquático como reprodução do mundo do seco. Para Leite:

O mundo submerso é reprodução do mundo do seco, do mundo da terra. Daí que não é raro encontrar o Boi d’água, o Cavalo d’água, boiadas inteiras e seus boiadeiros surgindo das águas. Mas há a percepção clara de que não se tratam de simples reprodução, todos eles são encantados. O que se distingue no imaginário popular pantaneiro do imaginário de outras comunidades à beira d’água que também elaboram essa concepção, de mundo aquático reproduzido, é que para o Pantanal esta reprodução aquática muda ontologicamente os seres. A reprodução aquática do mundo sobrenaturaliza e encanta o universo submerso. A água é o outro mundo. Sem deixar de ser, ao mesmo tempo, o próprio universo natural (LEITE, 2007, p. 7).

E. Lenda: Negrinho d’água | Lugar mítico: Rio Cuiabá

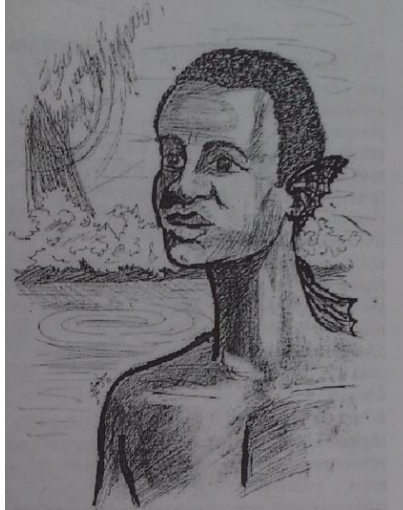
Alguns seres míticos não possuem um local específico do rio, pois houveram relatos de seu aparecimento em diferentes localidades, se tornando assim uma presença em todo o percurso do rio Cuiabá. Segundo a lenda o negrinho d’água é uma:

Criança magra peluda, com os lábios bem vermelhos e que costuma aparecer para os pescadores no início da noite. Sai de dentro das águas do rio e fica pulando pelos galhos de sarã acompanhando os canoeiros. Normalmente não faz mal à ninguém, mas se alguém atirar algum objeto na sua direção, ele mergulha no rio e vira a canoa (KERCHE, 2004, p. 56).

Para Rodrigues (1997, p.117) a lenda sofre alterações, onde o Negrinho d’água é um “[...] menino arteiro, fazedor de daninhezas, como era conhecido na região das antigas usinas e

habitava as profundezas do rio.” A aparência do Negrinho d'água é uma fusão de um negro alto e forte com anfíbio, apresenta nadadeiras e corpo coberto de escamas mistas com pele.

Figura 3: Neguinho d'água.



Fonte: Rodrigues (1997, p.117).

Muitas lendas transmitem a ideia de natureza vingativa, fazendo com que quem praticasse maldades, com qualquer espécie de aves ou animais, pensasse duas vezes antes de o fazer.

F. Lenda: Mão Negra | Lugar mítico: rio Cuiabá

Conta a lenda que sob um grande barranco, próximo a margem do rio Cuiabá, morava uma velha negra. Muitos iam pescar nas proximidades daquele barranco ignorando os avisos sobre a Mão Negra que aparecia para roubar os peixes dos pescadores distraídos, os mais antigos diziam ser a velha que se transformava em uma enorme mão negra.

Dizem que os pescadores mais gananciosos e metidos a espertos, teimando em não acreditar na história, indo pescar em dias santos ou feriados, quando pretendem passar o dia e a noite pescando, eram suas presas, pois quando já tinham seu jacá cheio de peixes, mas gananciosos queriam continuar pescando, acabavam indo embora sem nada. E além de levar todos os peixes a Mão ainda tentava pegar os pescadores, lhes dando um medo danado, que nunca mais voltavam pra pescar nas proximidades.

Figura 4: Mão Negra.



Fonte: <http://fuzuedasartes.blogspot.com/2012/02/mao-negra-lendas-de-mato-grosso.html>⁴

Atribuem-se muitos mitos e lendas aos próprios pescadores que “querendo afastar concorrentes do seu manancial, começam a inventar encantamentos assombrosos, que apavoram os menos destemidos” (RODRIGUES, 1997, p.118), mas também manter o equilíbrio e desmotivar a pesca predatória, de modo que haja peixe para todos da comunidade.

G. Lenda: Minhocão de São Gonçalo Beira Rio | Lugar mítico: São Gonçalo Beira Rio

A questão pessoal falava que era lenda, mas não era só a lenda, não. Foi a coisa acontecida mesmo né? Foi na época da minha ‘vó, da minha mãe, (...) e ela viu, conheceu, viu mesmo o que era o minhocão. Esse minhocão (...) aparecia porque antigamente tudo aqui era muito mato, muita escuridão (...). Porque tinha muitos que tinham receio de pescar nessas noites escuras, porque parece que ele, nessas noites escuras, ele aparecia mesmo. E ele aparecia em formato de várias, várias coisas. Assim, jacá, colchão, canoa. Que esse que a minha mãe me contou foi o seguinte: (...) veio mamãe, minha ‘vó e meu tio. Chegaram, pegaram a canoa, lá nas pedras e desceram. Vinha vindo. De longe mamãe diz que viu aquele vulto preto igual um batelãozão rodando, né? Aí com aquele luar ele brilha, por que se está de bruço ele brilha mesmo, na água brilha, né? Mas escuro mesmo, grandão. Aí, mamãe foi, falou pra meu tio assim, ele chamava (...) Nenê, falou, Nenê, que é aquilo que vem vindo ali? Aí, diz que ele olhou, ele já era pescador, gente antiga, conhecia tudo, né? Falou assim, ah, fica quieta Joana acho que algum batelão que vem rodando (...) Ai, diz que ela já ficou assim, assustada com aquilo. Demorou, ela bateu o olho, sumiu a canoa. Diz que ela foi, falou assim, Nenê, isso ali não é canoa não. Aquele ali deve ser alguma outra coisa. ‘Perta! (...) minha ‘vó (...) falou pra meu tio assim, ‘perta Nenê, que aquilo ali é o minhocão! Ele (o tio) fez que fez, jogar pra beirada mesmo, diz que veio que veio beiradiando mesmo a beira do barranco com a canoa. (...) quando mamãe subiu segurando minha ‘vó pelo braço, (...) veio aquele ondão, meu corpo até arrepiou, só de falar, veio aquela onda mesmo que jogou a canoa aqui em cima. Parecia que ia estrondar a beira do barranco. Assim, com aquele ondão, mas a onda a coisa mais feia do mundo. Parecia que tinha passado um navio que fez aquela onda. Então, dessa época ela falou que chegou de ver, ela contava pra nós. Falou ‘tou aqui viva e sã (...), mais que isso foi acontecido, foi acontecido! (Depoimento de Domingas, LEITE, 1995, p. 56-59).

⁴ Tela: A Mão Negra - Marlene Kirchesch (artista plástica cuiabana), acervo particular. Disponível em: <http://fuzuedasartes.blogspot.com/2012/02/mao-negra-lendas-de-mato-grosso.html>. Acesso em: 11 jan. 2019.

Conforme exposto acima se pode perceber que as lendas contam sobre as vivências do ribeirinho, seu dia a dia, saberes da comunidade e seus valores, e buscam transmitir esses saberes persuadindo os outros por meio do medo, que evitam tomar certas atitudes e ações para que os seres encantados protetores do rio não os machuquem, mas os verdadeiros protetores do rio são os ribeirinhos que preocupados em sua conservação criam como mecanismo de proteção dessas lendas.

4. DO LUGAR MÍTICO AO ESPAÇO TURÍSTICO: UMA PROPOSTA DE TURISMO CULTURAL

Fomentando a cultura local por meio do turismo e possibilitando retirar dela renda para a manutenção da comunidade, onde está inserida, consegue-se atrair a atenção dos demais membros da comunidade para que se volte para atividades culturais, ampliando assim as pessoas envolvidas com o turismo cultural.

Há diversas definições de turismo cultural, e diante dessa abrangência de significados para turismo cultural o Ministério do Turismo (MTur), compreende-a como as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MTUR, 2006, p. 10).

A atividade turística quando bem planejada pode contribuir para a valorização da cultura, pode impedir que tal cultura perca seu valor e tradição para a comunidade no decorrer do tempo, engajando as futuras gerações que estão cada vez mais afastadas de suas raízes culturais e que acabam deixando os saberes tradicionais em poder exclusivo dos mais velhos e que correm riscos de se perderem quando estes se vão.

Com a percepção dessa realidade destaca-se aqui a importância de registrar as lendas das comunidades ribeirinhas como patrimônio cultural, pois estas fazem parte da identidade, saberes e história da região, para que assim passem a ser reconhecidas e perpetuadas de modo que não se percam com o passar do tempo e com as decorrentes transformações as quais a cultura está submetida. Pois como ressalta Canclini (2000):

O mundo moderno não se faz apenas com aqueles que têm projetos modernizadores. [...] ao mesmo tempo que renovam a sociedade - prolongam tradições compartilhadas. Posto que pretendem abarcar todos os setores, os projetos modernos se apropriam de bens históricos e das tradições populares (CANCLINI, 2000, p. 159).

Mas na prática tal atitude não ocorre, considerando que não há projetos que prevejam e se preocupem com a manutenção do patrimônio cultural, ele passa totalmente negligenciado e acaba se perdendo, pois “é como se o patrimônio histórico fosse competência exclusiva de restauradores, arqueólogos e museólogos: os especialistas do passado” (CANCLINI, 2000, p. 159).

O que precisa ser entendido é o fundamental papel da comunidade na preservação de sua cultura, e que sua perpetuação está diretamente ligada a interação das gerações e transmissão dos saberes, pois como define o IPHAN (2013):

- O patrimônio cultural é um conjunto de bens culturais que estão muito presentes na história do grupo, que foram transmitidos entre várias gerações. Ou seja, são os bens culturais que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São os bens que se quer transmitir às próximas gerações.
- O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou uma família. Dessa maneira, o patrimônio cultural liga as pessoas. É sempre algo coletivo: uma história compartilhada, um edifício ou lugar que todos acham importante, uma festa que todos participam, ou qualquer outra coisa em torno da qual muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam.
- O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de uma maneira tão profunda, que algumas vezes elas não conseguem nem mesmo dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas caso elas o perdessem, sentiriam sua falta. Como, por exemplo, a paisagem do lugar da infância; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira (IPHAN, 2013, p. 05).

Deixar permitir que esse patrimônio se perca é inaceitável, pois ele que mantém a sociedade unida dentre suas diferenças, é a base das sociedades, sua identidade, mesmo que a cultura seja constantemente modificada, sua história deve ser preservada, sua trajetória servir como inspiração para as futuras gerações.

Uma forma de perpetuar esse patrimônio, de acordo com Canclini (2000), é por meio da teatralização, “em comemorações, monumentos e museus”, pois considerando o grande contingente de pessoas com baixa escolaridade do país, esse patrimônio será melhor absorvido quando transmitido por meios visuais. Outra forma de difusão já utilizada tradicionalmente por essas comunidades, principalmente no caso de mitos e lendas, é por meio da oralidade, onde são contadas pelos mais antigos aos mais novos, transmitindo assim seus saberes para as futuras gerações.

Um trabalho que tem contribuído para a preservação da oralidade é o da contadora de histórias das lendas do rio Cuiabá Alicce de Oliveira. A sua arte de contar histórias é desenvolvido localmente e já difundido e divulgada por todo o território brasileiro, onde narra essas histórias com uma profundidade de causar arrepios aos telespectadores, transmitindo por meio de sons e elementos cênicos um ar de suspense e veracidade as lendas contadas, como era feito antigamente pelos contadores de histórias tradicionais, os ribeirinhos, mas que atualmente,

ao menos na cidade, já se perdeu esse costume de contar histórias de pescador e monstros na varanda de casa.

Pra mim enquanto atriz e contadora de histórias, que é um ofício também, gostamos de falar que somos guardiões da palavra, então é essa força que a gente quer levar, essa importância da contação de histórias e da preservação da oralidade. Por isso quando eu conto, as vezes a criança: “Ah mas isso nem existe”, aí eu digo: “Existe sim, os mais velhos contavam, os meus avós, seus bisavós, que eles viram”. [...] Frisar que é História com H maiúsculo, nesse sentido artístico tem que ser convincente, exatamente pra quem fala e pra quem ouve, pra que isso reverbere na pessoa que está ouvindo. Isso como fato, vivência de uma comunidade, vivência de uma pessoa que realmente viveu, presenciou. Tem um valor, um valor tão qual o da escrita, então é a oralidade veio primeiro, então tem que ter seu valor (Depoimento de OLIVEIRA (2019, p. 6;15), entrevista na íntegra no Apêndice A).

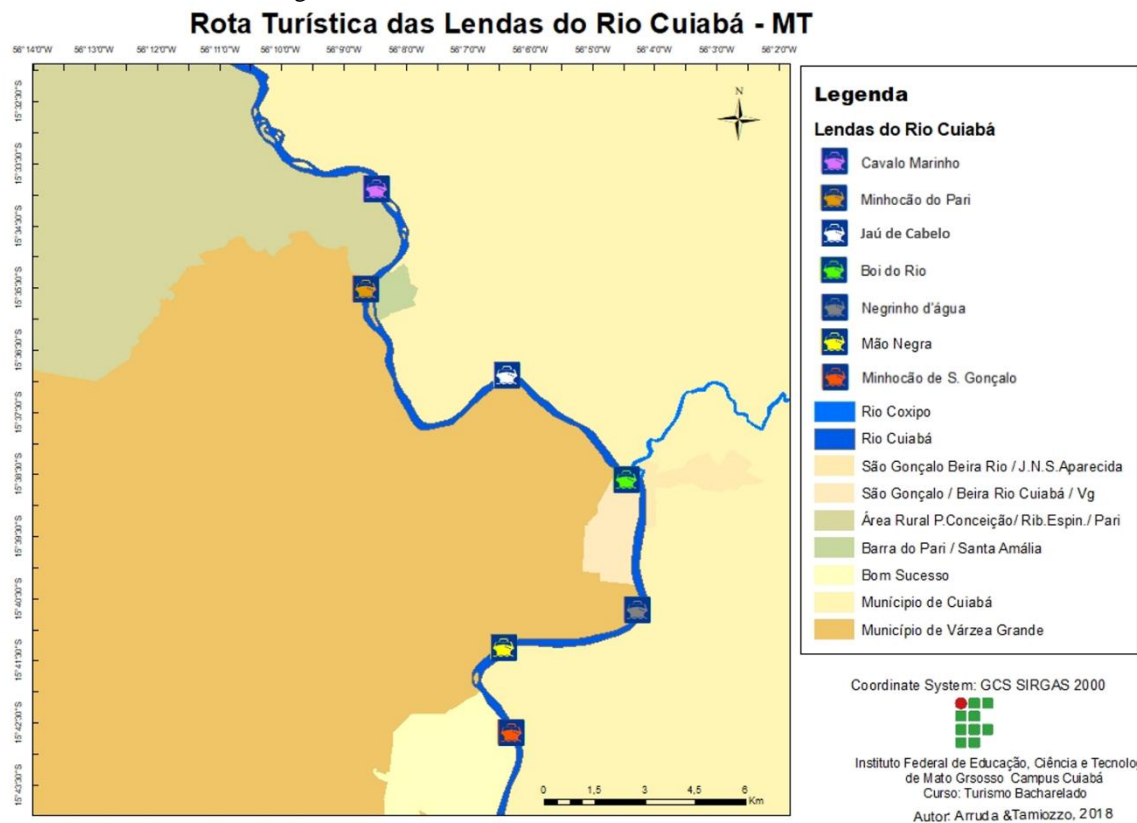
Buscando auxiliar na preservação e perpetuação da cultura tradicional dessas comunidades propõe-se aqui, a utilização das lendas relacionadas à água de forma turística, por meio da elaboração de uma rota desenvolvida inicialmente nas comunidades tradicionais ribeirinhas pertencentes ao Vale do Rio Cuiabá.

A proposta dessa rota está ancorada na relevância histórica do rio Cuiabá no processo de construção da territorialidade e identidade cuiabana, pela diversidade e riqueza cultural presente nas representações dos mitos e saberes advindos dessas águas, desconstruindo a imagem simplificadora mercantilizada desses lugares com foco no turismo de contemplação ou da pesca desportiva, possibilitando a abertura para os segmentos do turismo, como o cultural.

A formatação da rota inclui a visita aos lugares míticos de acordo com as narrativas das lendas e ou mitos presentes no imaginário social dessas comunidades possibilitará a transformação de tais localidades em atrativos turísticos.

A rota turística aqui desenhada privilegia a paisagem cultural e os lugares míticos existentes nas comunidades ribeirinhas do Vale do Rio Cuiabá, por isso foi feita aqui a delimitação e identificação das localidades de ocorrência dessas lendas, possibilitando visitar esses lugares míticos onde ocorreram/ocorrem as “aparições” das lendas em questão. Com início na região conhecido por Passagem da Conceição, nas proximidades do Pari, a rota segue passando pelo Porto e vai descendo o rio até seu encerramento, na região de Bom Sucesso. Nesse percurso fazem parte a contação de sete lendas locais, dentre elas como já mencionado anteriormente estão, respectivamente: o Cavalo Marinho, o Minhocão do Pari, Jaú de Cabelo, o Boi do rio, o Negrinho d'água, a Mão Negra e o Minhocão de São Gonçalo Beira Rio, como pode ser observado na figura 5.

Figura 5: Rota Turística das Lendas do Rio Cuiabá – MT.



Fonte: ARRUDA & TAMIOZZO, 2018.

Essa rota pode ser realizada “pelo caminho das águas” ou “por terra”, transformando-os em um novo produto turístico para a região, além de transformar tais localidades em atrativos turísticos que podem ser agregado a outras inúmeras atividades do setor. Preferencialmente opta-se pela realização dessa rota por via fluvial, pois a navegação fluvial constitui uma prática antiga existente nessas comunidades tradicionais e faz parte do cotidiano dessas comunidades. A formatação desse tipo de rota, articulado aos lugares míticos, possibilitará novas experiências e perspectivas ao percurso, fazendo com que os turistas se sintam ainda mais inseridos nesse mundo mítico.

A proposta inclui a narração do mito/ou lenda prevalente no lugar mítico tornando-o de conhecimento público por meio do contador de história ou dos causos compartilhados pela população idosa, resgatando esses saberes. Propõem-se também a realização de atividades lúdicas (música e teatro), e da simulação de elementos reconstitutivos da estória (signos, símbolos ou sinais) no espaço de modo que propiciem maior integração e vivência do visitante-turista com o lugar mítico. Por exemplo, a instalação da representação da figura mítica por meio da instalação de esculturas nas localidades onde se passam essas lendas, possibilitaria a

demarcação dos lugares míticos, bem como constituiria em uma marca turística para essas localidades.

Para a execução dessa rota é de suma importância a participação e consentimento da comunidade local. Nesse processo, os moradores das comunidades do entorno assumem a posição de condutores responsáveis por transmitir seus saberes aos turistas, sendo também os contadores das lendas e causos locais durante o percurso e em rodas de conversa, estas preferencialmente ao redor de uma fogueira ao cair da noite. A construção desse cenário possibilitará o turista vivenciar a emoção e o clima de suspense necessário às histórias contadas, encerrando a noite, em um acampamento ao céu estrelado. Daí surge uma nova possibilidade que é de os turistas hospedar nas casas dos moradores locais, onde os turistas são inseridos na cultura de todas as formas, desde as crenças até a realidade local, vivenciando plenamente a cultura dos ribeirinhos.

A rota pode ser realizada por públicos de diversas faixas etárias, inclusive crianças, realizando excursões escolares, ensinando-as de forma lúdica desde cedo a importância da cultura local. Dentre possíveis atividades lúdicas estão as “contações” dessas histórias em estilo narrativo moderno, músicas e danças como a do Siriri, Boi a Serra, entre outras que apresentam elementos míticos em suas coreografias.

Considerando a relação identitária dessas comunidades com o rio e suas concepções de relacionar com o meio ambiente de maneira sustentável implícitas nas lendas e mitos, pode-se ainda trabalhar em paralelo com a educação ambiental, sendo esta uma estratégia útil para ensinar a valorização e preservação das tradições ribeirinhas, inclusive o convívio e respeito ao ambiente, tomando atitudes mais sustentáveis como é feito tradicionalmente por essas comunidades.

Pode-se ainda agregar a esta atividade outras diversidades de serviços e produtos voltados ao turismo ao longo do percurso, como paradas nas comunidades onde há a venda de produtos artesanais, doces e compotas, dentre uma infinidade de outros artigos e guloseimas produzidos localmente agregando novos valores a essas localidades. Existe também a possibilidade de se organizar exposições fotográficas e mostras culturais dos mitos e lendas da região do Vale do Rio Cuiabá para a visita aberta ao público, estes podendo ser em forma de apresentação teatral, danças, imagens, textos, entre outros divulgando a cultura local para toda a sociedade, inclusive os convidando para conhecer e participar da rota cultural em questão.

Todas essas ações desencadeariam a bricolagem do turismo cultural com outras tendências contemporâneas do turismo, como o educacional e o de experiência, enriquecendo ainda mais o passeio e, incluindo novas alternativas de geração renda para as comunidades.

A tendência geral para a segmentação dos mercados nos últimos anos favoreceu o aparecimento de um novo perfil de turista, que busca as particularidades e singularidades dos locais de destino, evitando o turismo de massa. Assim, surgem novas modalidades turísticas, tais como o turismo de experiência que é “[...] onde existe interação real com o espaço visitado, mesmo que não seja o ideal, é o real e é o que o turista está em busca [...] A ideia é estimular vivências e o engajamento em comunidades locais que geram aprendizados significativos e memoráveis” (SEBRAE, 2015, p.8). No turismo de experiência, o foco é proporcionar uma experiência ao consumidor com atividades que estimulem os sentidos, os sentimentos e a mente, ativando o maior número de sentidos e sentimentos possível.

Os fundamentos são os elementos que precisam estar presentes e que são o centro da transformação de um serviço simples em um serviço orientado para a experiência: sentido, sentimento, pensamento, ação e identificação:

- » sentido – o turismo de experiência precisa de atividades que estimulem os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato), aqui incluso um sexto sentido que é o sinérgico, quando todos os sentidos são estimulados e a experiência acessa uma emoção que gera arrepios ou lágrimas;
- » sentimento – desenvolver atividades afetivas que apelem para os sentimentos e emoções do turista. Esta atividade pode gerar uma relação de carinho do consumidor em relação ao destino;
- » pensamento – oferecer atividades que estimulem a criatividade e sejam uma novidade para o turista. Tais atividades devem estimular o pensamento livre, flexível e original, gerando um grande aprendizado. São diferentes das atividades que geram reflexões analíticas, quando já conhecemos algo e temos a tendência de agir como de costume, dando as mesmas respostas e perdendo a oportunidade de aprender;
- » ação – proporcionar experiências físicas e de interação entre turistas e moradores locais. Este elemento é muito importante para entregar ao turista uma experiência que tenha sentido;
- » identificação – focar em atividades que estimulem “experiências pessoais”, atingindo os sentimentos individuais do turista, geralmente são ações que colocam o turista em contato direto com o contexto social e cultural do destino” (SEBRAE, 2015, p.11-13).

O segmento do turismo cultural pautado na experiência pode agregar novos produtos e serviços a rota cultural, ampliando assim, as possibilidades de geração de renda e novas formas de divulgar a cultura local, sem agredir o ambiente e a cultura. Esse tipo de turismo vem de encontro ao perfil do turista que busca por meio da cultura agregar e ampliar os saberes por meio da experiência vivida nessas comunidades ao mesmo tempo em que atenderia aos anseios das comunidades por meio da divulgação e proliferação de seus saberes, sem medo da destruição da cultura local que o turismo de massa produziria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lendas da região do Vale do Rio Cuiabá representam um grande potencial turístico ainda não desenvolvido localmente, e pode ser concebido como uma nova oportunidade de geração de renda para essas comunidades por meio do turismo cultural, como uma rota cultural. O turismo cultural mais do que apresentar a cultura da comunidade, possibilita que o turista conheça e vivencie as práticas culturais da comunidade receptora, além de fomentar o desenvolvimento local por meio da valorização do patrimônio arquitetônico-histórico e geração de renda advinda da venda do artesanato, de produtos da gastronomia típica local, arquitetura histórica.

Com isso a elaboração de uma rota turística cultural, pautada nas narrativas dos mitos e lendas relacionadas à água, constitui um poderoso instrumento para divulgação, reconhecimento, manutenção, e valorização da cultura das comunidades tradicionais ribeirinhas, como uma ferramenta para a geração de renda, assim como fomentar a transmissão desse saber para as novas gerações, de modo que não se percam dentre as modernidades que estão afetando essas comunidades e seu cotidiano.

6. REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvia Antônio Luiz et al. **Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** Revista Nexi, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/16760>. Acesso em: 27 mai. 2018.

ARRUDA, Rinaldo. “**Populações tradicionais**” e a **proteção de recursos naturais em unidades de conservação.** Ambiente & Sociedade, ano II, n 5, p. 79-92, 2º sem. de 1999. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a07>. Acesso em: 07 jul. 2018.

Atlas do Desenvolvimento Humano. **RM - Vale do Rio Cuiabá.** PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2013. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/vale-do-rio-cuiaba#caracterizacao. Acesso em 25 mai. 2018.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos)

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000 p. 159-204. (Ensaio Latino-americanos, 1).

COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. Trad. Olívia B. Lima da Silva. In: Espaço e cultura, 1998. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em: 11 fev. 2019.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. **Novos rumos da geografia cultural**. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Trad. Tania Shepherd. In: Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2000.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud; revisão técnica de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 p.11-418. (Coleção Rumos da cultura moderna, v.52)

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed. São Paulo: Editora Hugitec/Nupaub USP/CEC, 2008.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

JODELET, Denise; PAREDES, Eugênia C. **Pensamentos míticos e representações sociais**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT/EdUNI. 2009. 266 p. (Coleção Educação e Psicologia; v. 13)

KERCHE, Neuza Maria Erthal. **Comunidade São Gonçalo**. Cuiabá: Editora Centro América, 2004.

KMITTA, Ilsyane Do Rocio. **Pantanal: notas e considerações sobre identidade, cultura e representação**. Outros Tempos, vol. 11, n.18, p. 44-60, 2014. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/310. Acesso em: 27 mai. 2018.

LEITE, Eudis Fernando. **Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Maringá, vol. 9, n. 1, p. 167-188, 2005.

LEITE, Mário Cezar Silva. **No reino das águas: encantados, natureza e cultura do pantanal**. Revista eletrônica Documento/Monumento, Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, vol. 1, n. 1, dez. 2009. Disponível em: <http://200.129.241.80/ndihr/revista/revistas-anteriores/revista-dm-01.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

_____. **A poética do sobrenatural no homem ribeirinho: o Minhocão**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1995.

MASINI, Elcie. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Lenda**. Editora Melhoramentos, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lenda/>. Acesso em: 28 mai. 2018.

_____. **Mito**. Editora Melhoramentos, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Ministério do Turismo (MTUR) - Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/tu000019.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

OLIVEIRA, Alicce. **Entrevista I**. [fev. 2019]. Entrevistador: Letícia Mainardi Tamiozzo; Zuleika de Arruda. Cuiabá, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h 6 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: método e técnicas**. 3 ed. 16 reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

RODRIGUES, Maria Benedita Deschamps. **Lendas de Mato Grosso**. Cuiabá: Ed. da Autora, 1997.

TUAN, Yi-Fu (1930). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

SEBRAE. **Turismo de experiência.** Recife, 2015. Disponível em:
https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf
f. Acesso em: 04 nov. 2018.